

MATA VIDA: UMA AÇÃO EDUCATIVA NA REGIÃO NORTE DA MATA ATLÂNTICA PERNAMBUCANA

Suzana Maranhão de Azevedo Mello
Arte Educadora e artista plástica
Licenciada pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

Esse projeto trabalha a possibilidade de transformação social por meio de uma ação arte educativa. Visa respaldar a tese de limpeza do meio ambiente, fazendo analogia entre o trabalho artesanal a partir do lixo e da biodiversidade local com a função foliar de purificação do ar. Sob ótica antropológica, observa o homem do interior, seu entendimento, sua responsabilidade com a consciência ecológica e enuncia a morte da Mata ciliar do Continente Sul Americano (Mata Atlântica). Incrementa renda per capita entre jovens sugerindo a apropriação de materiais inusitados no fazer artístico, tendo a folha com poética.

Palavras chaves: ação educativa, folha, mata, transformação, lixo.

Abstract

This educational art project works with the possibility of social upgrade. It works with the cleaning of the environment, making a comparison between the hand made work out of the left overs from the local "biodiversity" and the purification of the air quality. It also promotes the anthropologic observation of the country side people, their understanding and responsibility with the ecologic conscience, while denouncing the death of the Atlantic Forest along the South American Coast. It stimulates the increase of the individual income among the young people, suggesting the use of the most different material to do the art work.

Key words: educational action, leaf, forest, transformation, garbage

Introdução

[...] Na manhã seguinte uma folha despregou-se de uma árvore alta e durante enormes minutos planou no ar até repousar na terra. Você não compreendia donde vinha a doçura. O chão era negro e coberto de folhas secas donde então vinha a doçura?
(Lispector.1946, p.35)

O Projeto "Mata Vida" constitui uma ação educativa na área de arte feita em parceria com o projeto "Imaginário Pernambucano¹". Tem como público-alvo jovens que vivem em Ponta de Pedras, praia situada no Município de Goiana, região da Mata Atlântica Setentrional (Litoral/Mata) do Estado de Pernambuco. Inerente ao projeto, está não apenas a prática de atelier, mas toda uma poética

que envolve a fatura da folha² de papel reciclado. Dessa forma, ambos os procedimentos “cantam” a vida e a morte da Mata Atlântica Brasileira, tendo a folha como matéria e como conceito, promovendo reflexões para a sistematização das pesquisas artísticas que venho desenvolvendo.

Minha atuação no âmbito da arte-educação dar-se a partir desse entrelaçamento do fazer e ensinar arte. Propõe, portanto, além do conhecimento técnico na área da reciclagem, uma reflexão acerca da responsabilidade da população para com o meio ambiente e as suas respostas. Como já referenciado, todas essas atividades correlatas fundamentam a prática artística, junto a outras observações relativas à atitude da comunidade quanto ao seu envolvimento com o aprendizado. Colaboram também para centralizar o foco do questionamento que gerou essa pesquisa: poderá promover a “folha” uma reflexão matérica e conceitual enquanto veículo de preservação do meio ambiente e de mudança de vida?

Com a proposta de buscar possíveis respostas, as ações educativas alimentam o fazer artístico, sedimentando o uso de materiais inusitados, ora como suporte, ora como médium. Paralelo a esse movimento, encontra-se a pesquisa poética que vincula a função da folha de purificar o ambiente à motivação para uma resolução plástica. Evidencia-se, dessa maneira, o sentido polissêmico contido na própria palavra “folha”. Faz-se, portanto, uma relação direta entre a transformação do lixo e o expurgo da poluição que ameaça o local enquanto suporte e realizam-se oficinas prático-teóricas que têm como recorte reflexivo elementos estruturais da forma, gradação de tamanho, textura e cor. Procura-se suprir a visão da Mata de um aporte crítico de conscientização ecológica, hoje quase inexistente na região, e se estabelece, essencialmente, a sistematização de um pensamento visual³.

Foi a partir dessas premissas que o projeto “Mata Vida” foi criado, atendendo especialmente ao convite feito pelo “Imaginário Pernambucano”, através de sua diretora, professora Ana Andrade, para trabalhar com alunos de escolas públicas na faixa etária entre 10 e 17 anos (ver fig.1).



(fig.1)

Faz-se necessário aqui, um breve relato situando histórica, geográfica e economicamente o lugar que abriga o projeto, para uma melhor compreensão de nossa proposta como nos reporta Castells:

[...] o espaço é, ao mesmo tempo, produto e expressão da sociedade, visto que estão formatados pelas dinâmicas da estrutura social geral, que inclui tendências contraditórias, derivadas dos conflitos e estratégias existentes entre atores sociais que põe em jogo seus interesses e valores opostos (Castells. 1995, p. 17).

Goiana foi uma cidade de grande importância no período colonial. É banhada pelo rio do mesmo nome, um dos treze mananciais que formam a bacia hidrográfica da região. Em sua foz nasceu um porto que, desde o final dos anos 1500 até 1800, constituiu-se como um dos mais importantes do País. Durante o apogeu do ciclo do açúcar, o porto de Goiana movimentou a mesorregião da Mata Norte. A sua importância declinou durante o século XX, com a derrocada da atividade econômica gerada pela decadência da produção açucareira. Conserva, entretanto, a sua beleza arquitetônica, especialmente na área sacra, onde as igrejas ostentam o rebuscado do estilo barroco. Também pertence a Goiana, o Município de Tejucupapo, famoso pela resistência das “Heroínas de Tejucupapo”, tendo o movimento culminado na expulsão dos Holandeses em 1654. A região possui um solo argiloso chamado “massapê”, que é apropriado para o cultivo da cana de açúcar e bom também para o trabalho artesanal. Sua estrutura mineral, composta de arenitos e cascalhos, formam os famosos “Tabuleiros de Goiana”, que têm topografia plana e arenosa e nos fornecem o sabor e o cheiro da mangaba, fruta nativa dessas paragens, que dá um certo *glamour* ao verão nordestino.

Ponta de Pedras, onde atua o projeto “Mata Vida”, dista 64 km do Recife, possui uma paisagem decorada pelos muitos arrecifes que dão origem ao seu nome. Nasceu como uma vila de pescadores, permanecendo como tal, refém da sua própria indolência. Até meados do século XX, foi protegida pela Mata Atlântica e envolta por um rico manguezal. É hoje o espectro do que já foi. A Mata está destruída e o manguezal extinto. A desordem da urbanização lhe tira a beleza e coloca em risco o meio ambiente. Nesse contexto, diferentemente da ação costumeira dos projetos até então ali existentes, voltados essencialmente para o simples incremento de um artesanato de raiz, o projeto “Mata Vida” apresenta uma feição mais universal, na medida em que trabalha com a apropriação do desperdício do entorno e com a biodiversidade local, como nos situa o arquiteto Marcelo Carvalho Ferraz, na introdução do livro de Mauricio Azevedo *A construção da identidade brasileira no mobiliário*:

É assim que a produção de conhecimento, verdadeiro, se transforma em testemunho e herança de toda a humanidade, as singularidades, quando genuínas, alcançam valor universal do seu propósito, qual seja, o da transformação social (Azevedo apud Ferraz, 1999, p.7) .

Nessa perspectiva, surgiram outros questionamentos: como vivem essas pessoas? De que se nutrem suas mentes? Como a arte poderá estar presente em suas vidas? Como sacudi-los fora de suas naturezas indolentes?

Parafraseando Marcel Proust, penso-os prisioneiros do medo, da confusão do acordar como se resistissem sair da letargia do sono por incerteza do novo e do confronto com o movimento do tempo.

Um homem que dorme, mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao acordar consulta-os instintivamente e neles verifica num segundo o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até despertar; essa ordenação, porém, se pode confundir e romper (Proust, 9ª ed., p 12) .

A necessidade de transformar para viver um tempo novo é reafirmada na reflexão de Raul Córdula, crítico de arte e artista paraibano, quando da sua participação como convidado em um outro projeto - “Estado de Arte⁴”: “A arte é um mistério, um mistério que muda a vida dos homens”. As palavras do crítico foram objeto de um registro particular, em trabalho desenvolvido pela artista pernambucana Tereza Costa Rego, também convidada a participar do “Estado de Arte”. Na oficina que ministrou fazendo uso da pasta do papel como

acabamento, a artista ao transformar trabalhos individuais em um só painel deixou ali registrada a frase citada por Raul, a qual passou a integrar o acervo do projeto.

O “Mata Vida” tem como meta primordial transformar de maneira aprazível a mentalidade da garotada matuta e praieira. Para isso, priorizamos o fazer arte entrelaçando aulas teóricas e exercícios práticos com temas contextualizados. Discussão de vídeos, pesquisas na internet, leituras de artigos de jornais, revistas culturais e livros são o ponto de partida para a troca de idéias com artistas convidados, além de visitas a plantações da flora nativa elevando o nível de informação para a valorização e a ampliação do conhecimento, gerando conseqüentemente, uma melhoria da auto-estima das pessoas do entorno.

Compreender o seu lugar no mundo, conhecer o potencial da região, sua importância nas mudanças do dia a dia constitui, para os jovens, um tema palpitante e para o arte-educador um recurso metodológico bastante significativo, pois engaja as ações educativas em cada território de origem, dando-lhes especificidades e singularidades em um contexto nordestino tão plural. O entusiasmo da juventude é um veículo expressivo para o supracitado projeto atuar de forma eficaz. Deve ser constantemente incentivado, por ser ele também trânsito, repleto de incertezas, buscando sempre novas adaptações.

Sob esses parâmetros, as ações abraçam propostas de estímulo à criatividade, quando transformam o imprestável em renda, despertando a consciência ecológica e trazendo como conseqüência uma preocupação com a reconstituição ambiental.

Pontua-se, assim, a experiência com a técnica da reciclagem, um ponto imprescindível para o sucesso das oficinas. O arte-educador deve ter plena consciência da técnica que aplica nas aulas, mas deve valorizar também o caráter experimental, pois na criação reside o processo e é preciso acentuar que, as vezes um erro detectado pode dar origem à busca de novas soluções. Assim, deve ser ressaltado que comecei a transformar o desperdício em valor já há algum tempo. Aperfeiçoei o conhecimento na área de papel, tanto na

feitura, quanto no uso dele para gravura, durante um curso na Espanha⁵. Ao contrário da “*pulpa de papel*” imaculadamente branca, uso lixo no processo. Aplico o que aprendi e inovar no que toca à matéria prima própria a cada contexto regional no qual trabalho com a comunidade. As dificuldades encontradas para a realização das oficinas não nos permitem aplicar técnicas importadas ao pé da letra. Estas devem se transformar em oportunidades para descobertas inovadoras, pois certamente, possuindo o conhecimento prévio do potencial matérico de cada local, as soluções e apropriações necessárias têm caminhos mais curtos.

Apointa-se, portanto, a experimentação como mais uma ação inerente à proposta das oficinas, uma vez que trabalhos anteriormente desenvolvidos em outras localidades que não Ponta de Pedras, já estabelece a diversidade de soluções e da própria feitura da folha do papel, que pode se transformar em um suporte para gravura/pintura e/ou em artefato cultural. Esse poder transformador é passado para os alunos, estabelecendo-se um paralelo da função foliar que transforma gás carbônico em oxigênio entrelaçando assim, a prática com a teoria.

Parte-se do princípio de que os projetos educativos podem otimizar as condições físicas existentes, acima das limitações financeiras, e devem ter como prioridade absoluta o seu objeto – neste caso, as pessoas que deles participam.

A partir desse formato metodológico, iniciamos a monitora, bolsista do “Imaginário”, e eu, oficinas com um grupo de 15 jovens em regime de experimentação, sem nos distanciarmos da metodologia. Ainda não estávamos instaladas e, durante o período inicial do projeto, nos valíamos essencialmente da curiosidade. Recorto, aqui entre aspas, uma visibilidade propiciada a todos na ordem do sensível: víamos entrar no liquidificador uma montanha de lixo, para vê-lo transformar-se em uma folha de papel de aspecto rústico e numa enorme variedade de insumos. Metaforicamente falando, isto correspondeu ao tempo da descoberta do sapo que se transforma em príncipe!

Meses depois do aguerrido começo, a prefeitura de Goiana nos preparou um espaço, em excelentes condições de funcionamento, nas dependências do Centro Cultural José Romualdo Maranhão, casarão que abriga atividades comunitárias.

Atualmente as instalações compreendem dois espaços, um dos quais, tem grandes tanques e serve de laboratório para o fabrico da pasta do papel. O outro se presta para as aulas teóricas, aulas de gravura usando o papel fabricado como suporte e para montagem dos produtos criados a partir dos insumos produzidos com a referida pasta. O projeto “guarda chuva”, o “Imaginário Pernambucano”, cuja parceria já foi referenciada no início desse artigo, fornece todos os equipamentos necessários: prensa elétrica para gravura (ver fig.2),



(fig.2)

liquidificador industrial, material de uso diário como cola branca, pigmentos, tinta gráfica, rolos de entintagem, pincéis, linhas, fitas e arames para a montagem de colares e fabrico de caixas e bolsas. Fornece ainda, ferramentas como furadores, grampeadores, tesouras, etc. Assim, as ações práticas têm lugar com os aparatos adequados para o pleno desenvolvimento do trabalho.

Para essas aulas, compareço semanalmente a Ponta de Pedras com a monitora que me auxilia no manejo didático. Nesse trabalho, destaco a atuação de Cláudia Alencar⁶.

Reunindo a matéria prima no desperdício do entorno, os alunos passam a usar os conhecimentos teóricos e, com a ajuda do monitor local, escolhido entre o grupo, trabalham diariamente na produção das peças artesanais. Nos dias de

aulas da coordenação, os alunos esclarecem dúvidas, discutem novas idéias, assinam a ata de presença, escrituram o produto das vendas no livro caixa e, se for o caso, divide-se a quantia apurada, reservando-se o percentual de 10% para a compra de insumos.

A matéria prima é constituída de: rasgas de saco de cimento, papelões, folhas secas, sementes, pigmentos naturais e artificiais, cola branca e pó da cana brava - um subproduto extraído da referida cana durante o fabrico de cestas e armadilhas para pesca. Com esses materiais fabrica-se a produção artesanal do “Mata Vida” (ver fig.3)



(fig.3)

Vale a pena salientar, que a pasta em questão é manipulada em um processo inverso ao da escultura, ou seja, não se modela o objeto subtraindo matéria, mas agregando. Além de produzir folhas de papel de qualquer gramatura e/ou objetos tridimensionais de qualquer tamanho e função, essa técnica traz uma característica enriquecedora: ela salienta a magia da arte, quando se observa a relação entre um paralelepípedo ou um tronco de madeira fabricado nesse processo e o peso que ele tem. O aspecto é de “pesado”, mas o peso real é semelhante ao de um floco de algodão (ver fig.4).



(fig.4)

A resolução plástica do papel em questão, pode ser comparada ao que foi mostrado na exposição “Apesar é leve”, de autoria da Professora Doutora Maria do Carmo Nino, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apresentada no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa/PB. Ela trabalhou com chumbo e algodão. Ao fazer tal referência, eu me reporto à dicotomia dos conceitos de peso e leveza que o trabalho sugere e não ao componente matérico que, no caso em questão, não era papel, mas chumbo que tem peso real.

No decorrer das oficinas tornou-se possível detectar um amadurecimento dos grupos que passaram pelas aulas. O ritmo e o aproveitamento do tempo no trabalho foram otimizados através do desenvolvimento das habilidades técnicas como também, a ordenação dos objetos e a distribuição de tarefas para a fabricação dos produtos, propiciando uma maior e melhor produção. Cresceu ainda, a compreensão dos alunos em configurar o aspecto subjetivo que está contido no projeto. Assim, por exemplo, dentre os pingentes confeccionados com a pasta alguns são em forma de folhas, ressaltando a importância da defesa do meio ambiente. Esse movimento obtido no sentido de resolver plasticamente os objetivos propostos, ganha importância quanto ao processo imprescindível de transformação, como nos reporta Cecília Salles em fragmento do seu livro *Gesto Inacabado*:

O artista é visto em seu ambiente de trabalho, em seu esforço de fazer visível àquilo que está por existir: um trabalho sensível e intelectual executado por um artesão. Um processo de representação que dá a conhecer uma nova realidade, com características que o artista vai lhe oferecendo. A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um

contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente. (Salles, 1998, p. 25)

Esse engajamento demonstrado pelos jovens, habitantes dessa simples localidade, minimamente informados e com parca instrução formal, traz estímulo para desenvolver, em outros distritos do mesmo município, o trabalho de conscientização disposto no “Mata Vida”. Visa buscar outras fontes de proposição junto aos órgãos competentes, em novas estâncias para atuação do supracitado projeto, alargando tal ação. É interessante destacar a relevância dada ao trabalho, pela Prefeitura local. O grupo participa de todas as atividades e eventos oficiais, além de ser facultada à coordenação a palavra e o direito a convites. (ver fig. 5).



(fig.5)

Com essa integração, mostra-se a importância da mediação da arte para as comunidades. Esse resultado vem a ser um meio facilitador para fomento na área da arte-educação.

Dada a conjuntura de aculturação e falta de oportunidades do povo interiorano, as referidas práticas são recursos de grande valia para a transformação e integração social. Enfatizo aqui a reflexão sobre a poética da folha sem distanciar o conceito da imagem. Trabalho o processo de transformação do público alvo, agregando valor ambiental ao pensamento contemporâneo. Com esse entendimento, pretendo contagiar os meus pares, para que cresçamos, em número de artistas, sintonizados com a idéia de transformação através da arte. Cecília A. Salles, cita outro autor, ao abordar o movimento criador em seu livro *Gesto Inacabado*:

Tomando em sua mão algumas sobras do mundo, o homem pode inventar um novo mundo que é todo dele. A arte começa pela transmutação e continua pela metamorfose (Foncollon apud Salles. 1998, p.88).

Acredito que toda a ação educativa é contínua e o desejo é de prosseguir com outras práticas, como já referenciado. Sendo assim, não finalizo este texto e, em lugar disso, apenas transcrevo uma breve reflexão feita pela Prof^a Dr.^a Viga Gordilho⁷, por ocasião de sua visita ao local, a qual sintetiza, em uma linguagem sensível, a sua impressão sobre o projeto:

Outono, uma manhã de domingo. Viajei no "Imaginário Pernambucano" e fui até Ponta de Pedras. Recolhi todo o lixo que encontrei pelo caminho: folhas, cascas de fruto, fibras da cana brava... até encontrar o rio. Apanhei um pouco de barro vermelho e adentrei o casarão. Constatei que o "sapo pode mesmo virar príncipe". Já com a "folha" reciclada e tingida nas minhas próprias mãos senti que ainda era tempo de refazer minha própria vida e daqueles moradores que pareciam parar o tempo. Primeiro, respirei fundo, depois devolvi a "folha" à Mata Atlântica. Em seguida, caminhei pelo chão de massapê, buscando a direção do vento norte e lembrei das "Heroínas de Tejucupapo". Tive por um instante a lucidez que não precisava mais expulsar os Holandeses, mas precisava encontrar, nos "Tabuleiros de Goiana", a minha "pedra preciosa". Caminhei um pouco mais pela topografia plana e arenosa, chupei uma mangaba até o caroço, pois já tenho 55 anos. Foi então que encontrei a minha "pedra preciosa". Abri a mão e surpresa vi que era uma outra "folha", porém verdinha, e "compreendi donde vinha a doçura". Devolvi-a novamente à Mata, respirei fundo e continuei caminhando...(Gordilho, Vida. Abril, 1998).

Notas

¹ O "Imaginário Pernambucano" é uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e têm por objetivo fomentar o artesanato de raiz em diversos municípios do Estado. Em Ponta de Pedras - Município de Goiana, região da Mata Atlântica Setentrional (Litoral/Mata) do Estado de Pernambuco, por exemplo, esse projeto incentiva artesãs na confecção de cestaria feita com a cana brava, vegetação nativa do lugar.

² Folha usada aqui no sentido polissêmico, podendo ser a folha natural da mata ou o suporte "folha de papel", produzido a partir da reciclagem de materiais recolhidos na natureza ou no desperdício do entorno funcionando como elemento estrutural da composição.

³ Considera-se que na pesquisa em arte relacionada à criação da obra, é importante sistematizar os componentes que estruturam o pensamento visual, ou seja, a prática de atelier, a técnica, a forma, a cor, o tamanho e a textura, simultaneamente trabalhadas com a reflexão.

⁴ O "Estado de Arte" foi desenvolvido em SERRA DOS VENTOS - BELO JARDIM/PE, projeto do qual a autora foi parceira de Ana Veloso, artista paraibana radicada em Pernambuco. Um texto, de minha autoria, sobre esse projeto, foi apresentado à ANPAP em 2007, pela professora doutora Viga Gordilho, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), constando assim dos anais dessa entidade.

⁵ A autora foi bolsista, entre os anos 2001 e 2002, da Facultad de Bellas Artes na Universidad de Salamanca/ES, onde cursou um quadrimestre, tendo feito três disciplinas na área de Grabado (gravura) e Grabado Objectual (feitura de papel). Também cursou uma disciplina em Arte Conceitual (La Interdisciplinariedad de la escultura).

⁶ Bolsista, arte educadora, que atuou em 2006 no referido projeto, onde teve um excelente desempenho

⁷ Artista visual e pesquisadora em artes. É Professora e orientadora do PPGAV – Programa de Pós Graduação em Artes visuais da EBA – Escola de Belas artes da UFBA – Universidade federal da Bahia.

REFERÊNCIAS

- Azeredo, Mauricio apud Ferraz, Marcelo Carvalho. "A construção da identidade brasileira no mobiliário", 1999, p.7.
- Borges, Adélia. Maurício Azeredo. "A construção da Identidade brasileira no mobiliário". São Paulo: Instituto Lina Bor P. M. Bardi, 1999.
- Castells, Manuel. La ciudad informacional. Tecnología de la información, resstruturación economica y el proceso urbano-regional. Madrid: Alianza Editorial S.A. 1998.
- Focillon apud Salles. "Gesto Inacabado". São Paulo, Processo de criação artística, FAPESP/Annablume, 1998, p.88.
- Lispector, Clarice. "O lustre", Rio de Janeiro, Ed. Rocco Ltda., p.35, 1946.
- Proust, Marcel. Em Busca do Tempo Perdido - No Caminho de Swann. Vol I. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 9ª. Edição, p.12.
- Salles, Cecília A. "Gesto Inacabado". São Paulo, Processo de criação artística, FAPESP/Annablume, 1998, p.26.

Curriculum

Suzana Azevedo, graduada em Educação Artística /Plásticas pela UFPE, – bolsa em cursos de gravura na Universidad de Salamanca/ES-2002, 1º lugar Prêmio Vasconcelos Sobrinho - Semana do Meio Ambiente/ CPRH/ PE-2005. Pesquisa de campo em arte educação nos projetos "Mata Vida" / Goiana, "Estado de Arte" / Serra dos Ventos/PE, e "Veio da Terra" / Garanhuns/PE. (vide Lattes).